

CINEMA E HISTÓRIA: O USO DE FILMES COMO FONTE HISTÓRICA PARA PROBLEMATIZAR A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO COGUMELO ATÔMICO.

FRANCIANE DA SILVA¹; ELISABETE LEAL².

¹Universidade Federal de Pelotas – fransilva140@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – elisabeteleal@ymail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho ora proposto é um recorte de minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em História na UFPel. Esta pesquisa é inicial e seus resultados ainda incipientes.

A presente pesquisa tem como objetivo trabalhar com o cinema como fonte histórica, abordando sua importância para o ofício do historiador. Pretende-se trabalhar, em especial, com a imagem cinematográfica da bomba atômica, tendo em vista o discurso coadunado a essa construção imagética. Para tal fim, serão analisados os filmes produzidos no Japão - *Rapsódia em agosto*, lançado em 1991, com a direção de Akira Kurosawa; e – *Gojira*, de 1954, dirigido por Ishirô Honda.

O cinema só passa a ser considerado como fonte para os estudos historiográficos a partir de 1929, quando a escola do *Annales*, rompe com a historiografia tradicional e busca uma compreensão mais abrangente, densa e totalizante do homem. O que levou a incorporar ao seu trabalho historiográfico novas fontes históricas. Contudo, a utilização do cinema como fonte de pesquisa foi bastante negligenciada até a década de 1970, quando se consolidou como arte de massa. Podemos perceber como o cinema, no início do século XX, era visto pelos intelectuais, baseado na definição do cinematógrafo como “uma máquina de idiotização e de dissolução, um passatempo de iletrados, de criaturas miseráveis exploradas por seu trabalho” (FERRO, 1992, p.83).

A produção fílmica como fonte histórica possibilita debater com problemas de ordem metodológica, política, ideológica, econômica, além de ser uma produção cultural que exerce grande influência sobre o público que o consome. O cinema tem tal importância e influencia na sociedade que pode contribuir para criticar, ou reforçar, a concepção dominante da História. Conta histórias e estórias de maneira bastante diversa, e mesmo assim apresenta uma especificidade que lhe é próprio. Assim como defendido por Marc Ferro, o historiador pode tomar como objeto de análise todo tipo de filme, sem privilégio a nenhum gênero. (FERRO, 1992.).

A construção da imagem da bomba no arquétipo do cogumelo atômico é reproduzida ainda hoje, sob diversas narrativas, e se tornou a imagem das mais simbólicas no Ocidente. Sendo assim, a pesquisa buscou selecionar os filmes *Rapsódia em agosto* e *Gojira* para analisar como a construção e o discurso da imagem da bomba atômica ocorre na perspectiva japonesa. Considerando que até meados da década de 1990 os estudos sobre a bomba atômica eram predominantemente sob o aspecto político, e muito pouco estudado do ponto de vista traumático ou com relação a memória das vítimas de tal evento. (NETO, 2015, p.4.).

2. METODOLOGIA

Para tal pesquisa, foi feito um levantamento de filmes, os quais de alguma forma abordavam a questão de armas nucleares, foram investigadas as circunstâncias de produção, exibição e o público alcançado por tais filmes. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o historiador francês Marc Ferro, que teorizou a relação cinema-história em sua obra. Também foi importante ler a historiadora Mônica Kornis. Para ela,

Um primeiro aspecto é o reconhecimento de que, tratado como documento histórico, o filme requer a formulação de novas técnicas de análise que deem conta de um conjunto de elementos que se interpõem entre a câmera e o evento filmado. (KORNIS, 1992, p. 242.).

Para analisar o filme deve-se juntar o que é filme – planos e temas - com o que não é filme – autor, produção, público e regime político. Na análise do filme de ficção, Ferro confere importância às características da sociedade que o produziu. (FERRO, apud KORNIS, 1992, p.245). Ferro desenvolveu duas leituras para análise: uma leitura histórica no momento presente em que a obra foi produzida, e outra, cinematográfica, que utiliza o filme para a leitura da história.

Com um número razoável de filmes e com uma base de conhecimento teórico, optou-se pela escolha dos filmes “Rapsódia em agosto”, e “Gojira”, tendo em vista que além da representação da imagem da bomba e o discurso vinculado, ambos os filmes escolhidos demonstram aspectos da cultura japonesa, fundamental para melhor compreensão da obra cinematográfica.

Dentro da imagem de um quadro fílmico (ou de uma sequência), pode haver formas de denúncia, conceitos, crenças, emoções, etc. Considerando, que a imagem tem funções, simbólica, testemunhal, ornamental e/ou pedagógica, a pesquisa tenciona levantar dados, refletir e compreender esses aspectos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa ainda está em andamento, contudo já é possível compreender que as imagens referentes a bomba se tornaram imediatamente carregadas de um significado coletivo. Por exemplo, das imagens referente à filmes norte-americanos analisados, é retratado sempre o cogumelo atômico, e raramente o impacto e detonação no nível do solo. Vale ressaltar que após a Segunda Guerra Mundial, inicia-se a Guerra Fria e uma corrida por armas nucleares, fazendo com que o mundo viva em constante tensão, com medo de uma guerra nuclear. Isto se refletiu em muitos filmes, que buscaram difundir a ideia do perigo de aniquilação da humanidade. Com isso, tais imagens são sempre carregadas de um discurso defensivo.

Enquanto as imagens para o povo japonês são compostas de cenas da explosão vistas ao nível dos olhos, as imagens produzidas pela ótica ocidental é da Bomba vista por uma tomada aérea. Uma das imagens mais aterrorizantes, que pode ser encontrada no acervo fotográfico do Hiroshima Peace Memorial Museum, é das sombras humanas. Os intensos raios térmicos da bomba atômica fizeram as pessoas mais próxima do epicentro da detonação desaparecer restando apenas suas sombras. Essa perspectiva reflete-se nos filmes japoneses, por exemplo, no filme *Rapsódia em agosto*, os horrores da bomba e das pessoas que viraram apenas sombras sem corpos, é abordado pelo discurso de uma senhora sobrevivente de Nagasaki, e não aparece, em nenhum momento, a imagem do cogumelo atômico.

4. CONCLUSÕES

As atrocidades da bomba – morte desumanas, destruição de propriedades, contaminação por radiação - são motivos extremamente importantes para problematizar a forma como representamos a bomba atômica. É preciso compreender a necessidade de estudos sobre o tema, uma vez que após esse episódio, o mundo viu uma crescente produção de armas nucleares.

Dessa forma, a pesquisa vem com o objetivo de problematizar a construção da imagem da bomba atômica como apenas a nuvem em forma de cogumelo, e trazer a perspectiva daqueles que sofreram diretamente com a detonação. Das mortes causadas pela bomba, estima-se que 70 mil pessoas morreram na hora ou poucas horas depois das explosões, e outras 130 mil morreram nos 5 anos subsequentes, em função de ferimentos e doenças. A pesquisa tem o intuito de induzir a problematização da imagem do cogumelo atômico que produziu no imaginário ocidental uma visão distanciada da morte de mais de 200 mil pessoas e refletir sobre o papel do cinema para consolidar essa construção visual.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLARO, Silene Ferreira. Cinema e História: uma reflexão sobre as possibilidades do cinema como fonte e como recurso didático. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 10, p. 113-126, 2012.
- COSTA, Flávia Cesarino. Cinema e história, formas e contextos. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 241-247, 2007.
- IMAFUKU, Riyuta. *A ocupação Visual nas ilhas: imagem e violência no Japão pós-guerra*. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO CISC**, São Paulo, 2000, p.1-23. [Tradução: Lenita Rimoli Esteves. Revisão e tradução de trechos da versão original: Paulo Oliveira].
- JUNIOR, José W. C. Aguiar. Cinema e guerra: algumas considerações. **Com Ciência**, Porto Alegre, v.22, n.37, p. 120-127, 2017.
- KORNIS, Mônica Almeida. HISTÓRIA E CINEMA: Debate metodológico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.
- KUNIGAMI, André Keiji. **A IMAGEM DO CINEMA JAPONÊS. Política e Ética do Olhar e do Corpo**. 2009, 137 f. (Dissertação em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- MARC, Ferro. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 145p.
- MORETTIN, Eduardo Victorio. O Cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. **História: questões e debates**, Curitiba, n.38, 2003, p.11-42.
- NAVARRETE, Eduardo. O cinema como fonte histórica: diferentes perspectivas teóricas metodológicas. **Revista Urutáguia**, Maringá, nº 16, 2008.
- NETO, Mario Marcello. Depois da radiação: a bomba atômica, a crítica historiográfica e os usos públicos e políticos do passado. In: **XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, Florianópolis, 2015, p. 1-16.
- PANICHI, Edina R. Pugas; FRANCISCO, Eva Cristina. Imagem e Significação: analisando a linguagem cinematográfica. **ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM** 07 a 10 de maio de 2013 – Londrina-PR.